

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70
PROGRAMA LOURDES CASTRO – 1
8 de novembro de 2025

O Amor que Purifica / 1969

Um filme coletivo

Realização: Lourdes Castro, René Bertholo, José A. Paradela, Pitum Keil do Amaral, Eduarda e Marcelo Costa, Leonor Bettencourt, João Conceição, Alexandra e Luís Moreira, Marcela Costa, Jorge Sumares / *Diálogos e voz:* Marcelo Costa.

Cópia: da Galeria Porta 33, ficheiro, colorida, falada em português / *Duração:* 37 minutos / *Sem estreia comercial em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.*

Trotoário Azul / 1970-72

Um filme coletivo

Realização: Lourdes Castro, René Bertholo, José A. Paradela, Eduarda e Marcelo Costa, João Conceição, Alexandra e Luís Moreira, Marcela Costa, Jorge Sumares / *Diálogos e voz:* Marcelo Costa.

Cópia: da Galeria Porta 33, ficheiro, preto e branco, falada em português / *Duração:* 33 minutos / *Sem estreia comercial em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.*

Com a presença de Cecília Vieira de Freitas, Carolina Vieira, Hélder Folgado

Nesta sessão do ciclo «Cinema Experimental Português: O Cinema dos Artistas, Anos 60 e 70» é apresentado o programa «Lourdes Castro 1» onde são mostrados dois projetos – uma fotonovela e um objeto mais experimental – que nascem de um espírito de experimentação e diversão. Noções de cinema (e de paródia) são tratadas de forma livre, num registo assumidamente de «encontro entre amigos», porque mesmo estando todos de férias no Funchal, na ilha da Madeira, não deixa de haver uma ligação estreita entre a vivência da vida e o entrelaçamento com a arte. O lazer, o descanso e a recreação das férias não deixa de ser propício à criação. Enquadrando-se algures entre a categoria «filmes de artistas», porque não deixam de ser artistas e arquitetos (como sublinhou Alexandra Prado Coelho, no *Público*, em 2013), e «filmes de amadores», porque não deixa de ser um projeto feito enquanto divertimento sem pretensões (“Era tudo brincadeira e tudo a sério, muito a sério”, disse Castro a Prado Coelho), sente-se simultaneamente a liberdade e o prazer da invenção, sendo fácil imaginar o quanto se terão deleitado a fazer estes objetos. A folia sente-se em detalhes como os nomes escolhidos para a ficha técnica: em **O Amor que Purifica** a fotografia é de Joe Par Adèle e Kostas Marcelios (pseudónimos para José A. Paradela e Marcelo Costa) com guarda-roupa de Boutique Ramboia e efeitos especiais A.Caso; já em **Trotoário Azul** a música e os efeitos «muito» especiais apontam para Ludwig Van Bértholo, Rimsky (João) Conceição ou Doménico Paradela. Um mimo humorístico.

Estes objetos teriam talvez ficado perdidos no tempo, não fora o trabalho da Galeria Porta 33 ao pegar em «perto de 200 diapositivos, dois filmes em Super 8, uma banda magnética, e ainda um disco em vinil que acompanha o primeiro filme, e ainda o filme em 16mm» e agregar tudo num

único vídeo que depois teve várias exibições. Este trabalho de congregação de material resultou num livro e num DVD que reúnem os dois trabalhos e permitem, segundo os fundadores da galeria, Maurício Pestana Reis e Cecília Vieira de Freitas, dar a «conhecer a Lourdes noutras facetas do seu trabalho, e o grande amor que ela tem pelo teatro e as artes performativas».

O Amor que Purifica, a fotonovela que dá início a este programa, é uma paródia deste subgénero em voga na época – o «Exclusivos Foto-Novelos apresentam», que surge no começo, é um piscar de olhos à maneira madeirense de apelidar hortênsias, que surgem timidamente como fundo da imagem. A conjugação de texto e fotografia para criar uma fotonovela surge pela década de 1940, resultado direto da popularidade do cinema. A subsequente relevância do género (frequentemente depreciado) leva a que engenhe as suas próprias regras: intrigas sentimentais, personagens que são mais estereótipos, um encadeamento cronológico (ou lógico) e uma articulação visual semelhante à da banda desenhada. As ligação da fotonovela ao cinema adensam-se com as cine-fotonovelas, adaptações para publicações impressas que recontavam a histórias de filmes populares, pela década de 1955 a 1965. É deste contexto que surge **O Amor que Purifica**, um exercício que alia a diversão à criação artística e utiliza as normas das fotonovelas para brincar com elas. Aqui, o jogo de texto e imagem é adaptado, sendo que a fotonovela é trazida para o ecrã e não o contrário, e o texto surge através de intertítulos que demarcam as cenas e dão seguimento à história (remetendo também para as convenções do cinema mudo), e havendo ainda uma narração em voz off (na altura, gravada em fita magnética) que acompanha todo o filme. Esta narração pontua a trama de forma deliciosamente satírica, com tiradas como «Acho o Renato uma tara» ou «Como vai a nossa encantadora sinistrada?». Adaptação solta do filme egípcio **Al Moustaqbal al maghoul**, em francês **L'Avenir Inconnu** (de Ahmed Salem, 1948), a história é a de três amigos («play-boys») que tentam conquistar uma rapariga, sendo que um deles (o «play-boy de bons sentimentos») se apaixona por ela. Pelo meio, há uma aposta (*soupçon* shakespeariano de *O Amansar da Fera*), um acidente de atropelamento que deve ser tão levado a sério quanto o mordaz intertítulo «A casca da banana!» indica, e um final feliz. Todos os sobressaltos amorosos são contados através de fotografias a preto e branco, tiradas em locais populares do Funchal nos anos 1960 (o filme agradece a todos atrevidamente, assumindo a falta de autorizações): o Hotel Miramar, o Club Naval, o café Sunny Bar, o cais do Funchal ou a Praia Formosa (local querido pela artista Lourdes Castro, onde tinha uma casa com Bertholo, e homenageado no seu livro *A Praia Formosa*). A meio da história brota um momento de *rêverie* (que voltará a ocorrer mais tarde) em que os pensamentos angustiados, ou as viagens introspectivas da protagonista (a nossa «rapariga moderna»), são tornados sonhos-quesão-filmes e eis que os diapositivos são substituídos pelo Super 8, como se o cinema oferecesse uma passagem automática para um registo onírico. Assim, o espectador é transportado para um imaginário árabe, cuja inspiração é uma passagem de Lourdes Castro e René Bertholo por Marrocos («Se tivéssemos ido ao Japão o sonho teria sido diferente», segundo Castro), quais Beatles inspirados por uma ida à Índia. Esta excêntrica sequência é o momento Dorothy-a-abrir-a-porta-para-Oz, com as cores do Super 8 e as imagens (finalmente) em movimento a terem um efeito mágico.

Um ano depois da aventura de verão que resultou em **O Amor que Purifica**, o mesmo grupo de amigos (agora sem Pitum Keil do Amaral e Leonor Bettencourt), junta-se para outro projeto de verão: **Trotóário Azul**. Os diapositivos e o Super 8 são substituídos pela película de 16mm numa produção Foto-Novel, já não exatamente uma fotonovela (caem os intertítulos, cai a narrativa, ficam as músicas), mas uma coleção de «21 partes» e «42 episódios», em que o humor e a experimentação continuam a andar de mãos dadas. Os locais voltam a ser os cantinhos do Funchal

que apelam ao coletivo de realizadores deste filme. **Trotoário Azul** (uma brincadeira com a adaptação fonética da palavra francesa *trottoir* que se transformou em *trotoário* na expressão popular madeirense) é novamente um olhar sobre um Funchal do anos 1960 que fica aqui registado em película: «vê-se que ainda há carros de bois, camionetas antigas, a Praia Formosa ainda estava vazia, sem os hotéis que construíram depois», lembra Lourdes Castro. Mas **Trotoário Azul** é, em si, muito mais um objeto de natureza experimental do que a produção precedente. A narrativa é fragmentada e, por vezes, desconexa, mas sempre com apontamentos humorísticos: o livro de Tintim; o plano dos pés (uns com sapatos e outros descalços); o plano do *sheik* que cai à água e que «cola» com a sequência da mulher e do chapéu no mar; a sequência de noivos, em que um deles transporta o *Sexus* de Henry Miller na mão (como não pensar em Mílvia e no médico que encontraram o amor na fotonovela anterior?); os homens que chocam na esquina de duas ruas e trocam os objetos que transportavam quando invertem a marcha. São todos momentos que apontam para a lógica onírica desta obra, escapando-se a uma narrativa concisa e esquemática para explorar o seu contrário.

Num ciclo onde haverá um programa que incide diretamente no trabalho sobre as sombras de Lourdes Castro, **Trotoário Azul** e **O Amor que Purifica** surgem enquanto uma porta não necessariamente para o trabalho artístico de quem o fez (até por serem trabalhos coletivos), mas enquanto perspetiva de uma prática constante de criação, e de interligação constante da arte e da vida.

Ana Cabral Martins